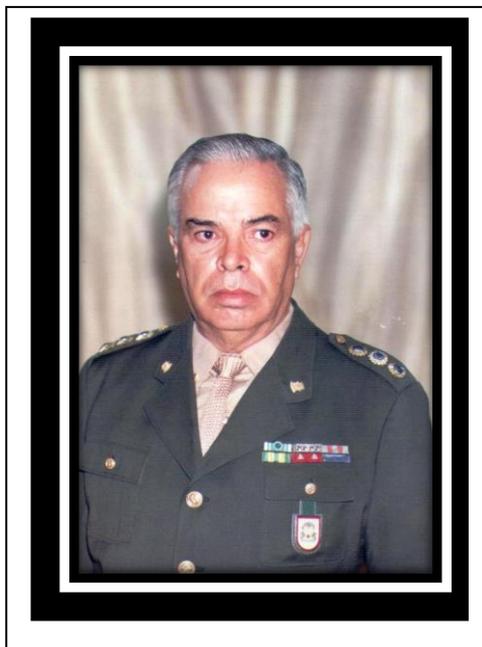


ARTIGOS DE INTEGRANTES DA AHIMTB NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO



Cel Cláudio Moreira Bento

Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Presidente e Fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

INTRODUÇÃO

O presente instrumento de trabalho do historiador militar terrestre brasileiro, é um extrato do índice de autores da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a,159, nº.400, jul/set 1998,

Ele apresenta, em ordem alfabética, os artigos nela publicados por patronos de cadeiras , acadêmicos e correspondentes da Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB.

E pois, mais uma singela, mas relevante e sobretudo útil contribuição à pesquisa e divulgação da História Militar Terrestre do Brasil através de artigos produzidos por seus patronos e acadêmicos. Trabalho orientador de pesquisas nas coleções da citada Revista existentes no Centro de Documentação do Exército e Arquivo Histórico do Exército ao que sabemos.

Resende, A Cidade dos cadetes 19 Jan 99

Cel Cláudio Moreira Bento Fundador Presidente da FAHIMTB

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 1 |
| Sumário | 1 |
| Duque de Caxias -patrono da ACANDHIS e sua colaboração..... | 2. |

| | |
|---|----|
| Alberto Martins da Silva gen..... | 4 |
| Antônio Rocha Almeida, gen..... | 4 |
| Antônio Pimentel Winz prof..... | 4 |
| Arivaldo Silveira Fontes ,cel..... | 4 |
| Amo Wheling, prof..... | 5 |
| Augusto Tasso Fragoso,gen..... | 5 |
| Aureliano Pinto de Moura ,gen..... | 5 |
| Aurélio de Lyra Tavares ,gen..... | 5 |
| Barão do Rio Branco..... | 6 |
| Carlos de Meira Mattos ,gen..... | 6 |
| Cláudio Moreira Bento,cel..... | 6 |
| Davis Ribeiro de Sena ,cel..... | 7 |
| Deoclécio De Paranhos Antunes ,cel..... | 7 |
| Dino Willy Cozza, CMG(FN)..... | 7 |
| Diogo de Moraes Arouche Lara, cel..... | 7 |
| Elber de Mello Henriques ,cel..... | 7 |
| Emílio Fernandes de Souza Docca ,gen..... | 7 |
| Estevão Leitão de Carvalho, gen..... | 7 |
| Eugênio Vilhena de Moraes, dr..... | 8 |
| Francisco de Paula Cidade..... | 8 |
| Francisco de Paula e Azevedo Pondé ,gen..... | 8 |
| Francisco Ruas Santos ,cel..... | 8 |
| Gustavo Barroso ,dr..... | 9 |
| Hélio Leóncio Martins ,alte..... | 9 |
| João Baptista Magalhães ,cel..... | 9 |
| J.V Portella Ferreira Alves ,cel..... | 10 |
| Jonas de Moraes Correia Filho ,gen..... | 10 |
| Jonas de Moraes Correia Neto,gen..... | 10 |
| Liberato Bitencourt ,gen..... | 10 |
| Luis Carlos Carneiro de Paula, cel..... | 10 |
| Pedro Calmon, prof..... | 10 |
| Tristão de Alencar Araripe., mal..... | 12 |
| Umberto Peregrino..... | 12 |
| Waldemiro Pimentel, gen..... | 12 |
| Academia de História Militar Terrestre do Brasil..... | 13 |

DUQUE DE CAXIAS - PATRONO DA AHIMTB

O Duque de Caxias ,patrono da AHIMTB teve trabalho seu transcrito nesta Revista conforme relatamos a seguir:

Em 20 de fevereiro de 1827 teve lugar próximo da atual cidade de Rosário do Sul a maior batalha campal travada no Brasil .Nela se enfrentaram forças terrestres do Brasil, com forças terrestres argentinas e orientais e cujo resultado foi indeciso .Para uns, derrota' brasileira para outros batalha indecisa e vitória para outros tantos.

Em 28 ago 1854. decorridos 27 anos da batalha .o então Marquês de Caxias .sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro IHGB) desde 11 mai 1847(sesquicentenário de ingresso em 11 mai 1997/ ,respondeu a questionário de 9 quesitos que lhe dirigira o secretário do IHGB Dr Joaquim Manoel de Macedo.

Caxias recém egresso da vitoriosa campanha contra os ditadores Oribe e Rosas 1851-52 respondeu o questionário com apoio em dados que colheira in loco, onde acampara por mais de 4 vezes e depoimentos de vários oficiais brasileiros, argentinos e uruguaios que participaram da batalha.Sintetizando o seu pensamento de como interpretou a batalha:

“Os brasileiros dispunham de 5007 homens (Cavalaria 2731h). (Infantaria 2036h) e Artilharia 240h). Os argentinos e orientais 10.557 homens (Cavalaria 8.379). (Infantaria 1538) (Artilharia 620). Não participaram da batalha 1720 brasileiros o que subiria o efetivo brasileiro na batalha para 6.627 caso tivessem combatido.

O movimento inimigo retrocedendo através do passo do Rosário foi estratégico e poderia ter sido previsto e não o foi, por não ter sido levado em conta que um exército invasor e superior não poderia fugir à perseguição de um inferior numericamente e nem abandonar as posições que ocupava sem ter conquistado o fim a que viera.

O campo em que o general Alvear esperou as tropas brasileiras que marchavam às cegas e sem ter informações seguras sobre o inimigo, pode por ele ser escolhido e nele se exercitou por 2 ou 3 dias .segundo ouvi de oficiais argentinos e uruguaios e inclusive do General Eugênio Garzon que interroguei. Este casara com antiga namorada de Caxias em Montevideu durante a Cisplatina, em cujo contexto ocorreu a batalha Passo do Rosário e combateu em Passo do Rosário como coronel comandante de um Regimento de Infantaria adversário.

Mais tarde aliados, comandaram os exércitos do Brasil e Uruguai contra Rosas em 1851-52). Os brasileiros surpreendidos tiveram de aceitar a batalha no terreno para onde foram atraídos. A posição do inimigo de antemão escolhida ,forçosamente deveria ser muito favorável do que a deixada para os brasileiros.

Mas em abono a verdade ,não foi a posição favorável ao inimigo que lhe favoreceu na batalha. Se os brasileiros logo que tivessem reconhecido o inimigo mudassem a frente à direita ,mais para cima ,teriam anulado esta vantagem de posição, obrigando o inimigo a manobrar para combatê-lo e logo a seguir o impedir de adotar nova linha de batalha.

A surpresa impediu a reflexão (estudo da situação). E tudo foi confusão ao se avistar o inimigo onde ele não era esperado .O terreno ocupado pelo inimigo era mais próprio à Cavalaria do que à Infantaria e dominava o terreno ocupado pelos brasileiros ,sendo assim mais favorável a sua Artilharia, superior a nossa quantitativa e qualitativamente.

Havia entre os Exércitos uma sanga sem água e que era um fosso enxuto que só dava passagem à Cavalaria em poucos lugares. E qualquer dos exércitos que a atravessasse a vista do outro teria a dupla desvantagem de desfilar dominado pelas vista e fogos do outro no ataque e na retirada, em caso de insucesso.

O nosso general não levando em conta as vantagens do inimigo ,em efetivo e posição, ordenou o ataque. Adotou a **Ofensiva** quando julgou deveria ter adotado a **Defensiva** e assim esperando o inimigo na posição que os brasileiros foram obrigados a ocupar, compelindo o inimigo a atacar as tropas brasileiras e assim deixar a posição que vantajosamente ocupava.

As formações dos dois exércitos foram sempre paralelas .As tentativas de flanqueamento (desbordamento) só foram feitas com vantagem pelo inimigo. Pois, no início da batalha conseguiram tomar- nos as bagagens e as munições de reserva,só escapando as cavalcadas que seus encarregados, sem ordens e por iniciativa, as conduziram para São Gabriel. As duas divisões de Infantaria brasileiras permaneceram nas posições e só as deixaram mediante ordens.

A batalha durou 11 horas mais ou menos e, durante este tempo as unidades sustentaram as posições que lhes foram designadas pelo general. A retirada foi competentemente ordenada pelo general - em - Chefe e muito bem aconselhada na falta de reservas: A de munições tomadas no início da batalha; a de cavalcadas evacuadas para São Gabriel e a de tropas que haviam sido engajadas na batalha se encontravam exaustas.

A ausência de 1200 homens da melhor Cavalaria ao mando do cel Bento Manoel Ribeiro, destacada com o fim de observar o inimigo e com ordem de se reunir ao Exército, logo que ouvisse os primeiros tiros ,o que não cumpriu, não obstante ter ouvido os estrondos da

Artilharia inimiga. E antes, retirou-se para mais longe supondo o nosso Exército perdido. É opinião geral de todos os oficiais práticos da natureza da guerra (guerra à gaúcha - vide o jornal **Tradição** 1996) que se faz nos campos do Sul de que os brasileiros não deveriam ter perseguido o inimigo que se retirava da frente do nosso. Não pelo receio de combater, por ser ele superior em forças- mas por estratégia (ardil).

A distância de coronel Bento Manuel quando teve início a batalha não passava de 6 léguas castelhanas. As baixas brasileiras foram mais de 200 e as argentinas e orientais em mais de 1000. (Foram baixas da Cavalaria contra os quadrados da Divisão do General Calado).

Fez bem o Marquês de Barbacena em ordenar a Retirada em direção a São Sepé, em razão dos brasileiros estarem faltos de munição logo no início da batalha, a Cavalaria quase inutilizada depois de 11 horas de batalha e no mesmo estado os muros da nossa Artilharia. Seria impossível ao Marquês de Barbacena tentar outra vez a sorte das armas enquanto não pudesse se refazer de munições e cavalhadas."

Esta abordagem inédita e inexplorada do Duque de Caxias esta a sugerir que ela seja analisada à luz das obras **A Batalha do Passo do Rosário** do gen Tasso Fragoso e **Batalha de Ituzingó** de Henrique O. Wiedersphan e, estudos nossos sobre o mesmo tema publicados em **A Defesa Nacional** n^{os} 672/ano 1977 e 680 /ano 1978. E em nosso livro 2002 175 anos da Batalha do Passo do Rosário. Porto Alegre: AHIMTB; Gênese, 2003, disponível no site www.ahimtb.org.br Votos de que isto ajude a retomar o prazer por estes estudos '

Cláudio Moreira Bento cel presidente

ALBERTO MARTINS DA SILVA, GEN Acadêmico

Hospital Central do Exército: 1768-1998. 158(397):977-1018, out./dez. 1997.

Um inédito de João Severiano da Fonseca: Serafim da Silva Júnior, um herói de Diamantina, 1850-1868. 152(371):518-532, abr./jun. 1991.

Marechal Hermes da Fonseca: 1824-1891. 154(380):40-54, jul./set. 1993. il.

A medicina em Canudos: algumas notas. 159(398): 193-206, jan./mar. 1998.

Médicos em Canudos. 156(386):9-51, jan./mar. 1995.

Padre João Baptista da Fonseca. 151 (367):267-271, abr./jun. 1990.

Os periódicos paraguaios na guerra da Tríplice Aliança. 153(376):44-51, jul./set. 1992.

ANTONIO ROCHA ALMEIDA, GEN Patrono

O posto de marechal no Exército brasileiro. 260:126-132, jul./set. 1963.

ANTÔNIO PIMENTEL WINZ, PROF Acadêmico

Antônio Raposo Tavares. 147(353):1085-1089, out./dez. 1986.

Cinquentenário da inauguração do monumento ao Cristo Redentor. 338:209-222, jan./mar. 1983.

Conselheiro Dr. Pedro Autran da Marta Albuquerque: Ino centenário de falecimento 1^o-2-1805-31-10-1881. 334:177-182, jan./mar. 1982.

Egon Wolff. 370:330-331, jan./mar. 1991.

Evocação de Floriano Peixoto. 322:229-238, jan./mar. 1979.

.Jonas Correia e a revolta da Escola Militar. 154(381):301-304, out./dez. 1993.

Marechal Deodoro: uma figura humana 331:213-229, abr./jun. 1981.

Pontos controvertidos na execução da sentença exarada pela alçada régia. 153(375):43-47, abr./jun. 1992.

Recordando Gustavo Barroso: 29-12-1888. 151(367):272-283, abr./jun. 1990.

Saudação ao sócio honorário José Augusto Vaz Sampaio Neto. 151(369):544-548, out./dez. 1990.

Os terremotos e a teoria wegeneriana. 343:141-145, abr./jun. 1984.

ARIVALDO SILVEIRA FONTES ,CEL Acadêmico

Fundação Osório- patrimônio educacional. 158(394):163-165,jan./mar. 1997.

Sergipanos no magistério carioca: discurso de posse. 158(397), out/dez. 1997.

Viagem imperial à Província de Sergipe. 158(396):871-874,jul./set. 1997.

ARNO WHELING PROF Acadêmico

O açúcar fluminense na recuperação agrícola do Brasil. 337:7-18, out./dez. 1982.

A atividade judicial do Tribunal da Relação do Rio de Janeiro: 1751-1808. 156(386):79-92, jan./mar. 1995.

O Brasil e Tocqueville: o argumento liberal e o problema da centralização. 342:227-230, jan./mar. 1984.

Capistrano de Abreu: a fase cientificista. 311:43-91, abr./jun. 1976.

Capistrano de Abreu e Sílvia Romero: um paralelo cientificista. 152(370):265-274,jan./mar. 1991.

A concepção histórica de Von Martius. 155(3 85):721-731, out/dez. 1994.

Constitucionalismo e engenharia social no contexto da Independência. 150(363): 187-198, abr./jun. 1989.

Discurso de abertura do Simpósio do Centenário de Canudos. 159(398): 163, jan./mar. 1998.

Fatores da inércia na educação brasileira: o problema da alfabetização, 1872-1920. 147(353):969-980, out./dez. 1986.

O fomentismo português no final do século XVIII: doutrinas, mecanismos, exemplificações. 316:170-278, jul./set. 1977.

História e poder. 347:177-180, abr./jun. 1985.

Homenagem a Marcos Almir Madeira. 157(393):! 107-1108, out./dez. 1996.

As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 338:7-16, jan./mar. 1983.

O pensamento histórico de Américo Jacobina Lacombe. 154(380):91 -103, jul./set. 1993.

Posse da sócia correspondente Maria Beatriz Nizza da Silva: saudação. 158(394):219-221,jan./mar. 1997 Posse do sócio correspondente Daniel Restrepo Manrique: em 31-5-1995: saudação. 157(391):391-392, abr./jun. 1996.

Recepção de C. R. Boxer no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 147(353): 1113-1115, out./dez. 1986.

Os regimentos da Inquisição: apresentação ao artigo da profa. Dra. Sônia Aparecida Siqueira. 157(392):495, jul./set. 1996.

Saudação ao sócio correspondente de Santa Catarina: prof. Carlos Humberto Pederneiras Corrêa. 154(380):59-60, jul./set. 1993.

Sociedade estamental e Estado: as leituras de bacharéis e o ingresso à burocracia judiciária portuguesa, o caso luso-brasileiro. 156(387):253-263, abr./jun. 1995.

Vicente Tapajós: depoimento na homenagem por ocasião de seu octogésimo aniversário. 157(393): 1117-1119, out./dez. 1996.

AUGUSTO TASSO FRAGOSO ,GEN Patrono

Discurso de recepção ao general Tristão de Alencar Araripe. 232.223-230, jul./et. 1956.

A paz em o Paraguai depois da Guerra da Tríplice Aliança. 174.1-334, 19».

A Revolução de 1930 e a Junta do Rio de Janeiro. 232:303-319, julVset 19».

A Revolução de 1930. 211:5-61, abr./jun. 1951.

AURELIANO PINTO DE MOURA ,GEN Acadêmico

As duas últimas expedições a Canudos. 159(398):185-192, jan./mar. 1998.

AURÉLIO DE LYRA TAVARES ,GEN Patrono

A engenharia brasileira no Segundo Reinado. 33 8:259-278, jan./mar. 1983.

História e civismo. 273:137-146, out./dez. 1966.

O Segundo Reinado e a unidade nacional. 314:268-284, jan./mar. 1977.

BARÃO DO RIO BRANCO Patrono

Uma carta inédita do Barão do Rio Branco. 237:223-232, out./dez. 1957 [ver corrigenda no vol. 244,470].

Efemérides brasileiras. 82(136):v-xix, 1-618, 1917; 168:5-709, 817-996, 1933.

O logro da marmelada: poema. 196:68-73, jul./set. 1947.

CARLOS DE MEIRA MATTOS,GEN Acadêmico

As Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra Mundial. 151 (369):530-543, out./dez. 1990.

CLAÚDIO MOREIRA BENTO ,CEL Acadêmico

Bibliografia farroupilha. 147(350):246-259, jan./mar. 1986.

Bicentenário da instalação da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu. 340:99-101, jul./set. 1983.

Campo de prisioneiros de guerra em Pouso Alegre, MG : 1943-1944 152(373): 1052-1056, out./dez. 1991.

Cartografia histórica do Exército. 347:135-171, abr./jun. 1985.

Centenário da morte do Duque de Caxias. 338:185-196, jan./mar. 1983.

Centenário do sítio federalista de Bagé. 154(381):172-181, out./dez. 1993.

Uma companhia de ordenanças em Pelotas desde 1774 ?. 344:155-156, jul./set. 1984.

...

Conde de Resende: o fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil e criador da cidade de Resende. 153(375): 32-42, abr./jun. 1992.

Controvérsias sobre a Proclamação da República brasileira. 151(369): 433-456,

Domingos José de Almeida: o diamantinense que foi o cérebro e o maior estadista da república rio-grandense: 1836-45. 338:95-108, jan./mar. 1983.

O espadim de Caxias dos cadetes do Exército: histórico, tradições, simbolismo. 326:93- 105, jan./mar. 1980.

A esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre no ensino militar acadêmico do exército de 1792: atualidade. 155(383): 423-427, abr./jun. 1994.

Os foguetes como meio de comunicação no passado. 342:237-240, jan./mar. 1984.

Fontes da cultura em arte da guerra do Duque de Caxias. 328:121-130, jul./set. 1980.

Forte de São Francisco Xavier de Piratininga ou Forte da Barra: 1702-1983. 340:7-14, jul./set. 1983.

General Osório: pensamento militar. 325:90-109, out./dez. 1979.

Getúlio Vargas e a evolução da Doutrina do Exército: 1930-45. 339:63-71, abr./jun. 1983.

A Guerra do Paraguai: um laboratório da doutrina militar pouco explorado. 335:117-127, abr./jun. 1982.

História da Academia Militar das Agulhas Negras. 336:170-194, jul./set. 1982.

A intervenção estrangeira durante a Revolta da Armada. 154 (379):231 -268, abr./jun. 1993.

Marechal Mascarenhas de Moraes: significação histórica. 344:119-136, jul./set. 1984.

O massacre federalista do Rio Negro em Bagé, em 28 de novembro de 1893. 154 (378):55-88, jan./mar. 1993.

No sesquicentenário de João Severiano da Fonseca. 148(355):210-215, abr./jun. 1987.
 Participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na Segunda Guerra Mundial: 1942-1945. 152(372): 685-745, jul./set. 1991.
 Reflexos no poder nacional da pesquisa e estudo crítico da história militar terrestre do Brasil. 344:101-107, jul./set. 1984.
 A Revolução Farroupilha vista por ocasião do seu sesquicentenário. 147(350):68-98, jan./mar. 1986.
 Saudação a Guilherme de Andréa Frota. 147(353): 1061-1064, out./dez. 1986.
 Saudação a Luis-Philippe Pereira Leite. 147 (351):444-448, abr./jun. 1986.
 Um significado da Guerra de Canudos para as forças terrestres. 159 (398):219-228, jan./mar. 1998.
 As tradições da Academia Militar das Agulhas Negras em seus 40 anos em Resende. 344:49-67, jul./set. 1984.
 Caminhos históricos e estratégicos de penetração e devassamento do Vale do Paraíba. omitido no nº 400 da revista do IHGB e mais tarde publicado pelo o autor em livro sob o mesmo título

DAVIS RIBEIRO DE SENA ,CEL Acadêmico

A guerra das caatingas. 152 (373):954-1007, out./dez. 1991. il.
 Monte Santo: lenda e realidade do sertão. 155(384):601-621, jul./set 1994. il.
 A Tríplice Aliança e a estratégia brasileira. 327:269-316, abr./jun. 1980.

DEOCLÉCIO DE PARANHOS ANTUNES ,CEL Patrono

Eduardo Prado: o escritor e o polemista. 249:163-167, out./dez. 1960.
 Ricardo Franco de Almeida Serra. 244:346-349, jul./set. 1959.
 Rio Branco e a verdade documental. 254:33-44, jan./mar. 1962.

DINO WILLY COZZA ,CMG Acadêmico

Duque de Caxias: seu lado romântico. 155(383):393-396, abr./jun. 1994. A geoestratégia do Brasil. 158(394):133-162, jan./mar. 1997.
 Hélio Antônio Scarabôto. 157(391):493-494, abr./jun. 1996.
 A importância da Bacia do Paraguai para o Brasil. 156(387):265-273, abr./jun. 1995.
 A participação do Brasil na I Guerra Mundial. 157 (390):97-110, jan./mar. 1996.
 Patrimonialismo brasileiro e suas formas. 155 (384):597-600, jul./set. 1994.
 Posse do sócio honorário Hélio Leôncio Martins: saudação. 159(398): 149- 154, jan./mar. 1998.
 Quando a lealdade e o aprestamento fazem história: discurso de posse. 157(391):365-369, abr./jun. 1996.

DIOGO DE MORAIS AROUCHE LARA, Cel Patrono

Memória da Campanha de 1816. 7:125-177,273-328,1845-2 ed 125-177- 3.ed. 123-170, 263-318.

ELBER DE MELLO HENRIQUES ,CEL Acadêmico

Um estudo da Perestróica e impressões de viagem à Rússia. 149(360):308-326, jul./set. 1988.
 Firmeza na conquista da Antártida brasileira. 344:115-118, jul./set. 1984.
 Vendo, ouvindo e interpretando os fatos do meu tempo. 147 (352):758-775, jul./set. 1986.

EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA, GEN Patrono

Caxias e a pacificação no Rio Grande do Sul. 187:261-274, abr./jun. 1945.

Tradição pan-americanista do Brasil. 179:105-128, abr./jun. 1943.

ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO, GEN Patrono

O Brasil e a questão do desarmamento. 199:191-218, abr./jun. 1948.
 Centenário de nascimento do marechal José Caetano de Faria. 228:385-402, jul./set 1955.
 Dados sobre a origem do patrimônio da família Leitão de Carvalho. 291:15-39, abr./jun. 1971.
 Dia do Reservista: Olavo Bilac. 246:296-307, jan./mar. 1960.
 Dia Pan-Americano. 191:285-293, abr./jun. 1946.
 Forças Armadas. 195:3-23, abr./jun. 1947.
 História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai do general Tasso Fragoso. 214:180-209, jan./mar. 1952.
 Napoleão. 289:163-173, out./dez. 1970.
 A paz do Chaco. 236:420-424, jul./set. 1957.
 Segundo Centenário do Tratado de Madri. 206:212-234, jan./mar. 1950.
 O sesquicentenário de Osório. 239:318-321, abr./jun. 1958.
 Tasso Fragoso: militar e historiador, discurso pronunciado no Instituto de Geografia e História Militar, a 20 de outubro de 1945, trigésimo dia do passamento. 214:172-179, jan./mar. 1952.

EUGÊNIO VILHENA DE MORAIS Patrono

Frei Pedro de Santa Mariana, o preceptor de Pedro D. 98(152):45-55,1925.
 O patriotismo e o clero no Brasil. 99(153): 113-168, 1926.
 A rosa de ouro. 192:233-234, jul./set. 1946.
 Segundo centenário do nascimento de frei José de Santa Rita Durão. 99(153): 185-218, 1926.

FRANCISCO DE PAULA CIDADE, GEN Patrono

A nossa gente: Paissandu e Leandro Gomes. 105 (159):241-365, 1929.

FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDÉ, GEN Patrono

A campanha sertanista de Rondon. 148(354): 19-35, jan./mar. 1987.il.
 O centenário de nascimento do general Augusto Tasso Fragoso. 286:64-81, jan./mar. 1970.
 D. João VI e a emancipação intelectual do Brasil. 279:114-135, abr./jun. 1968.
 A defesa das fronteiras terrestres: 1750-1780, de acordo com o Tratado de Madri. 155(382): 197-226, jan./mar. 1994.
 O duque de Caxias. 338:175-184, jan./mar. 1983.
 A fazenda do barão de Pati do Alferes: fazenda da Piedade. 327:83-155, abr./jun. 1980.
 A indústria no Brasil à época da Independência. 305:5-33, out./dez. 1974.
 O Porto da Estrela. 293:35-93, out./dez. 1971. il.
 Saudação a Consuelo Pondé de Sena como sócia correspondente do IHGB. 154(381):271-275, out./dez. 1993.

FRANCISCO RUAS SANTOS ,CEL Patrono

Análise e indexação da Revista. 341:141-150, out./dez. 1983.
 Arquivos históricos e computadores. 345:119-120, out./dez. 1984.
 Atualização da informática. 339:121-135, abr./jun. 1983.
 Atualização dos Institutos Históricos. 341:151-153, out./dez. 1983.
 Capistrano de Abreu: sua grandeza e atualidade em história. 148(355):219-224, abr./jun.

1987.

- O conceito de torre e casa-forte entre 1548 e 1648. 323:30-38, abr./jun. 1979.
 Dicionários históricos. 340:21-24, jul./set. 1983.
 As efemérides cariocas de Roberto Macedo. 342:241-246, jan./mar. 1984.
 O ensino da história do Brasil por meios modernos. 147(351):362-370, abr./jun. 1986.
 Eugênio Vilhena de Moraes: guerreiro do bom combate, guardião da fé em Deus e na Pátria. 149(359):231-237, abr./jun. 1988.
 A Guerra da Tríplice Aliança. 344:87-94, jul./set. 1984.
 A iconografia de Caxias: vocabulário político. 340:25-26, jul./set. 1983.
 A Independência do Brasil do ponto de vista militar terrestre. 298:149-52, jan./mar. 1973.
 A informática na organização e no desenvolvimento da pesquisa cultural: o exemplo francês, 1. 344:137-151, jul./set. 1984.
 A modernização do Instituto. 147(350):99-110, jan./mar. 1986.
 O padrão tradicional dos Institutos Históricos: 1838-1980. 148(357):452-461, out./dez. 1987.
 A pesquisa histórica: situação atual e perspectivas. 345:113-117, out./dez. 1984.
 Pesquisas históricas. 336:153-156, jul./set. 1982.
 A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como fator de desenvolvimento cultural. 321:36-52, out./dez. 1978.
 Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola: 1602-1686. 344:153-154, jul./set. 1984.
 Saudação a Paulo Werneck da Cruz. 332:205-211, jul./set. 1981.
 O sistema de informações históricas. 322:243-256, jan./mar. 1979.

GUSTAVO BARROSO Patrono

- Capistrano de Abreu e a interpretação do Brasil. 221:92-101, out./dez. 1953.
 O cruzado da Abolição: Nabuco, o orador. 204:321-330, jul./set. 1949.
 Pinheiro Machado na intimidade: evocações. 211:91-97, abr./jun. 1951.

HÉLIO LEÔNCIO MARTINS .ALTE Patrono

- Um cristão-novo na história: discurso de posse. 159(398): 155-162, jan./mar. 1998.

JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES,CEL Patrono

- Um americano de escol. 217:136-148, out./dez. 1952.
 Centenário da morte do tenente-coronel Baena em 26 de maio de 1950. 207:192-206, abr./jun. 1950.
 A civilização, a guerra e os chefes militares. 223:298-424, abr./jun. 1954; 224:3-108, jul./set. 1954; 225:3-119, out./dez. 1954.
 Comemoração de Osório. 216:175-189, jul./set. 1952; 239:292-300, abr./jun. 1958.
 A criação da capitania do Rio Negro. 228:304-323, jul./set. 1955.
 A defesa do Rio de Janeiro no século XVIII. 200:3-32, jul./set. 1948. il. mapas.
 Documentação do conselheiro José Antônio Lisboa: financista do Brasil Reino e Brasil Império. 213:3-132, out./dez. 1951.
 Estudo histórico sobre a guerra antiga. 198:28-246, jan./mar. 1948. il.
 Estudo sobre a teoria e a prática da democracia no Brasil. 234:50-93, jan./mar. 1957.
 Estudo sobre as disposições a inserir na nova Constituição relativamente à defesa nacional e às classes armadas. 201:13-71, out./dez. 1948; 202:156-233, jan./mar. 1949.
 Estudo sobre o comando militar nas democracias. 234:94-138, jan./mar. 1957.
 Estudo sobre o patronato do Exército. 202:234-251, jul./set. 1949.
 Estudo sobre os militares e a política. 234:139-175, jan./mar. 1957.
 Guerra do Paraguai: corrigendas históricas de Rio Branco. 248:288-294, jul./set. 1960.
 A guerra e a América. 236:24-53, jul./set. 1957.

Henri Raffard. 212:88-105, jul./set. 1951.

José Antônio Lisboa. 208:111-185, jul./set. 1950.

Osório e a política. 188:92-107, jul./set. 1945.

O Pan-americanismo no quadro geral da civilização ocidental. 199:119-142, abr./jun. 1948.

Reflexões sobre a história da República até 1945. 238:297-336, jan./mar. 1958.

J. V. PORTELLA FERREIRA ALVES ,CEL Acadêmico

O milagre da unidade nacional, 154(378):118-127, jan./mar. 1973.

Posse do sócio honorário Arivaldo Silveira Fontes: saudação. 158(397), out./dez. 1997.

JONAS DE MORAIS CORREIA FILHO, GEN Patrono

Deodoro e seus dois momentos históricos. 153(377):45-47, out./dez. 1992.

Discurso no Convento de Santo Antônio. 311:92-100, abr./jun. 1976.

Perfil histórico de uma batalha: Tuiuti. 294:255-289, jan./mar. 1972.

Saudação a Elber de Mello Henriques. 147(352):752-757, jul./set. 1986.

Saudação ao brigadeiro Nelson Freire Lavenère-Wanderley. 299:194-201, abr./jun. 1973.

Saudação ao coronel Cláudio Moreira Bento. 336:165-167, jul./set. 1982.

Saudação ao coronel Francisco Ruas Santos. 322:239-242, jan./mar. 1979.

Saudação ao professor Pedro Calmon na Comissão de Publicações da Biblioteca do Exército. 340:131-133, jul./set. 1983.

Sentido heróico da poesia de Castro Alves. 295:181-205, abr./jun. 1972.

JONAS DE MORAIS CORREIA NETO ,GEN Acadêmico

Influência napoleônica no exército brasileiro. 289:137-162, out./dez. 1970.

LIBERATO BITENCOURT ,GEN Patrono

Lauro Müller. 197:106-119, out./dez. 1947.

Psicologia do Barão do Rio Branco. 75 (125):9-113, 1912.

LUIZ CARLOS CARNEIRO DE PAULA ,CEL Acadêmico

Reflexões à margem da Campanha de Canudos. 159 (398):269-272, jan./mar. 1998.

PEDRO CALMON, PROF. Patrono

5ª Reunião do Conselho Interamericano de Cultura. 341, 135-138, out./dez. 1983.

Os 60 anos da Universidade. 330:199-209, jan./mar. 1981.

Afonso Pena Júnior. 279:240-242, abr./jun. 1968.

Afrânio Peixoto. 318:280-284, jan./mar. 1978.

Alfredo Valladão e os "Vultos Nacionais". 302:168-171, jan./mar. 1974.

Arquivos portugueses e história brasileira. 192:134-136, jul./set. 1946.

Atas do Conselho de Estado. 327:157-158, abr./jun. 1980.

Augusta mansão do poder. 337:79-82, out./dez. 1982.

Batalha de Ayacucho. 305:78-85, out./dez. 1974.

Buenos Aires e o Brasil. 334:139-143, jan./mar. 1982.

Cabral e a comunidade luso-brasileira. 287:510-517, abr./jun. 1970.

Camões e o Brasil. 328:131-134, jul./set. 1980.

Camões, poeta máximo. 335:177-179, abr./jun. 1982.

Cândido Mendes de Almeida. 332:189-191, jul./set. 1981.

Caxias. 33 p, 73-174, jan./mar. 1983.

Comemoração do Descobrimento do Brasil. 340:27-30, jul./set. 1983.

Congresso do 9o Centenário da Batalha de S. Mamede, em abril de 1979: oração da sessão

- inaugural. 334:135-137, jan\mar. 1982.
- Congresso Histórico de Guimarães e sua colegiada. 341 • 13 9-140 out /dez 1983.
- D. João VI: a vida e o governo. 279:135-142, abr/jun. 1968.
- Dia de Anchieta. 343:181-183, abr./jun. 1984.
- Discurso de posse como membro da Comissão de Publicações da Biblioteca do Exército, BIBLIEX. 340:135-138, jul/set 1983.
- Discurso de posse na Academia Brasileira de Artes. 345:107-112, out/dez. 1984.
- Discurso do professor Pedro Calmon na sessão solene em homenagem ao presidente Craveiro Lopes. 236:204-207, jul./set 1957.
- Egas Moniz e seus descendentes do Brasil. 327:317-323, abr./jun. 1980.
- Epitácio Pessoa: o internacionalista. 268:121-134, juL/set 1965.
- A formação da nacionalidade brasileira. 147(351):333-344, abr./jun. 1986.
- O grande Rodrigo. 285:167-170, out/dez. 1969.
- Gregório de Matos. 344:35-43, juL/set 1984.
- História da Independência do Brasil. 94(148): 101 -339, 1923.
- Imagem e glória do duque de Caxias. 327:227-234, abr/jun. 1980.
- O jubileu do Correio Aéreo Nacional. 342:231-235, jan/mar. 1984.
- A língua portuguesa no Brasil. 322:294-297, jan/mar. 1979.
- Luís Gama. 337:179-184, out/dez. 1982.
- Marquês de Abrantes. 269:131-144, out/dez. 1965.
- Marquês de Sapucaí: centenário de falecimento. 310:246-248, jan./mar. 1976.
- Max Fleiuss: o amigo. 281:81-86, out/dez. 1968.
- Max Fleiuss. 182:33-34, jan/mar. 1944.
- Miguel Calmon. 333:39-51, out/dez. 1981.
- Nabuco e a boa origem. 204:379-380, jul./set. 1949.
- A nação a Castro Alves. 295:245-247, abr/jun. 1972.
- Oração ao rei dos Axantis. 320:370-372, jul/set. 1978.
- Oração na sessão de posse como presidente de honra do IHGB de sua excelência o presidente da República Federativa do Brasil, João Baptista de Oliveira Figueiredo. 325:251-259, out/dez. 1979.
- Oração no Dia do Papa proferida no Teatro Municipal em 29 de junho de 1969. 326:373-376, jan./mar. 1980.
- Origem das instituições brasileiras. 331:231-235, abr./jun. 1981.
- Perfil político do marquês de Paraná. 236:372-377, jul./set. 1957.
- O plano de Pitt e o futuro do Brasil. 334:5-17, jan./mar. 1982.
- A princesa da rosa de ouro. 192:231-232, jul./set 1946.
- O príncipe do Grão-Pará. 309:174-180, out/dez. 1975.
- O que a América portuguesa deu ao mundo. 339:73-81, abn/jun. 1983.
- Recepção ao presidente da República da Venezuela, Luiz Herrera Campins. 336:137-144, juL/set 1982.
- Repatriamento dos restos mortais da Princesa Isabel e do Conde d'Eu. 220:359-365, jul./set. 1953.
- A Revolução Francesa e Portugal. 298:27-36, jan./mar. 1973.
- O Rio de Janeiro: da conquista à fundação e expulsão dos franceses. 276:11-23, juL/set. 1967.
- Rodrigo Otávio Filho: o companheiro. 284:79-82, jul./set. 1969.
- Rui Barbosa. 344:111-113, juL/set. 1984.
- O sabre de Osório. 318:313-316, jan amar. 1978.
- Santo Antônio no 750º aniversário de sua morte. 336:157-163, jul./set. 1982.
- Saudação a Cecília Maria Westphalen. 343:103-104, abr./jun. 1984.

Saudação a Evaristo de Moraes Filho. 338:133-135, jan^mar. 1983.
 Saudação a Marcos Almir Madeira. 340:55-56, jul^set. 1983.
 Saudação ao professor Luís Henrique Dias Tavares. 315:295-297, abr./jun. 1977.
 Segredos e revelações da história do Brasil: Deodoro e a bandeira. 150(364):514-515, jul./set. 1989.
 Os senhores do engenho de Mataripe. 297:51-55, out./dez. 1972. il.
 Sesquicentenário do Poder Legislativo. 304:283-284, jul./set. 1974.
 Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. 318:304-312, jan./mar. 1978.
 O tricentenário do bispado do Rio de Janeiro. 315:251 -253, abr./jun. 1977.
 Universidade Federal da Bahia. 338:197-205, jan./mar. 1983.
 Varnhagen. 338:249-258, jan^mar. 1983.
 Vida e glória da Princesa Isabel. 192:96-109, jul./set. 1946.
 Vida e obra de Rodrigo Otávio. 284:7-20, jul./set. 1969.
 Visão global da Batalha do Passo do Rosário. 318:135-148, jan./mar. 1978.
 Visconde de Sepetiba. 98(152):56-61, 1925.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE ,MAL Patrono

Ataque e tomada da cidade do Rio de Janeiro pelos franceses em 1711 sob o comando de Duguay-Trouin. 47(68):61-85, 1884.

UMBERTO PEREGRINO SEABRA FAGUNDES GEN Patrono

Algumas especiais qualificações de «Os sertões». 338:109-132, jan./mar. 1983.
 Autores militares em discussão. 334:67-78, jan./mar. 1982.
 Bolívar. 340:123-126, jul./set. 1983.
 Crônica da Revolução de 1930. 341:43-66, out./dez. 1983.
 Dimensões de Basílio de Magalhães. 305:34-50, out./dez. 1974.
 Discurso de recepção de Cybelle Moreira de Ipanema. 337:127-135, out./dez. 1982.
 Discurso na inauguração do Museu de Arte Popular, em 23 de outubro de 1991. 152(373): 1201-1203, out./dez. 1991.
 A exumação dos ossos de Caxias. 320:373-376, jul./set. 1978.
 Fatos e idéias em tomo da Biblioteca do Exército centenária. 336:105-136, jul./set. 1982.
 História militar da Independência: circunstâncias e contradições. 326:279- 304, jan./mar. 1980.
 A história na poesia popular: do negro na literatura de cordel. 149(359): 189-210, abr./jun. 1988.
 Juscelino Kubitschek perante a história. 325:61-89, out./dez. 1979.
 Justiça histórica ao marechal Hermes da Fonseca. 344:69-86, jul./set. 1984.
 Lembranças e reflexões sobre o marechal Teixeira Lott. 344:45-48, jul./set. 1984.
 Missão no Planalto Central: o general José Pessoa nas origens de Brasília. 147(350): 159-163, jan./mar. 1986.
 Origens e implantação da Academia Militar das Agulhas Negras. 333:25-32, out./dez. 1981.
 Pedro Calmon e a história social do Brasil. 147(351):353-361, abr./jun. 1986.
 Projeção da cultura militar no Segundo Reinado. 314:183-204, jan./mar. 1977.
 A propósito da Guarda Nacional: uma criação da Regência. 307:206-207, abr./jun. 1975.
 Quadros e caracteres da oligarquia de Pedro Velho no Rio Grande do Norte. 279:203-230, abr./jun. 1968.

WALDEMIRO PIMENTEL ,GEN Patrono

Contribuição ao estudo dos prisioneiros de guerra do Brasil. 306:174-201, jan./mar. 1975.
 Medalhística militar brasileira antiga. 338:91-94, jan./mar. 1983.
 Santos Dumont e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 327:239- 245, abr./jun. 1980.

**ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE
DO BRASIL FUNDADA EM RESENDE -RJ.FUNDADA EM 1º MARÇO 1996**

Foi fundada em Resende em 1º março, data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, destinada a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil :Exército , Fuzileiros Navais , Infantaria da Aeronáutica .Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento .A novel entidade ,com sede e foro em Resende ,mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares .como os marechais José Pessoa, Leitão de Carvalho, Tasso Fragoso, Mascarenhas de Moraes , Castelo Branco e Aurélio de Lyra Tavares . Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras ,em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil , os generais A .de Lyra Tavares, Jonas de Moraes Correia Francisco de Paula .Azevedo Pondé.Severino Sombra e o cel Francisco Ruas Santos. Figuram como patronos os civis Barão do Rio Branco, Dr Eugênio Vilhena de Moraes e Pedro Calmon pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil.. A cerimônia de fundação teve lugar nas Faculdades D. Bosco de Resende que amparou os primeiros passos da novel entidade que tem como 1º presidente de Honra empossado , o Exmo .Sr gen Ex Zenildo de Lucena. Ministro do Exército grande estimulador da ideia , 3º presidente de Honra empossado ,o gen Bda José Mauro Moreira Cupertino comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e 4º empossado o cel Antônio Esteves Presidente das Faculdades D.Bosco Entre os fatores da escolha de Resende ressaltam ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar que ministra curricular mente a seus cadetes nos 2º 3º e 4º anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil. A Diretoria da Academia(AHIMTB) foi assim constituída através de suas funções elegíveis : Presidente - cel Cláudio Moreira Bento, Vice presidente cel Arivaldo Silveira Fontes .Conselho Fiscal: gen Ex Luiz Pires Ururay Neto e coronéis Geraldo Levasseur França e Flávio Arruda Alves. A primeira posse como acadêmico foi a do gen Carlos de Meira Mattos, na cadeira marechal J.B. Mascarenhas de Moraes e aos quais muito se deve a preservação da Memória da Força Expedicionária Brasileira. A segunda posse como acadêmico foi a do gen Plínio Pitaiugam na cadeira gen Raul Silveira de Mello ..A Academia participou ativamente do 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba tendo por tema central - A História Militar do Vale que foi realizado nos dias 3-5 julho 1996 nas Faculdades D. Bosco ,Academia Militar das Agulhas Negras e Centro de Recuperação de Itatiaia e também de 23-25 de setembro 1997 em Seminário Comemorativo da Guerra de Canudos na Câmara Federal e, em 25 de setembro na Globo News sobre o mesmo tema ,e defendendo a participação das Forças Terrestres no Trágico Episódio que via de regra vinha sendo deturpada .quando em realidade a responsabilidade moral e política foi da Sociedade Civil da época que ordenou a destruição de Canudos A Academia possui como órgão de divulgação o jornal O GLARARAPES que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica, por gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil, e ,principalmente do desenvolvimento de suas doutrinas militares Desenvolve seu trabalho e duas dimensões: -1 A clássica como instrumento de aprendizagem em Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas etc.

2- A outra com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos, para que colocados à disposição das lideranças civis estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves consequências para a Sociedade Civil Brasileira.

A Academia se propõe a dar especial atenção á Juventude Militar masculina e feminina vinculadas às Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e as atuais de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e .além, tentar despertar no turbilhão da hora presente, prestes a ingressar-se no insondável 3,º O milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e sobretudo estímulo e editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação. E assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional ao desenvolver a identidade e a perspectiva históricas das mesmas e .além ,as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas como sonhou e praticou em 1862 o seu patrono o Duque de Caxias .

No desempenho de sua proposta ela vem realizando sessões solenes junto a juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias Militares que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural.